

Orquestra Barroca

Casa da Música

Remix Ensemble

Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

Tito Ceccherini direção musical

Jonathan Ayerst piano

Carolin Widmann violino

12 nov 2024 · 19:30 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música

O programa apresentado pela Orquestra Barroca Casa da Música e Andreas Staier nos concertos de 10 e 12 de novembro foi gravado e editado pela Harmonia Mundi, num CD que se encontra à venda na Loja Casa da Música, e será apresentado em digressão no Auditorium de Lyon, a 26 de novembro.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

Charles Avison

Concerto n.º 5 em Ré menor, segundo Domenico Scarlatti (pub.1738-39/1744; c.8min)

1. Largo
2. Allegro
3. Andante moderato
4. Allegro

Domenico Scarlatti

Duas Sonatas para cravo (c.1719-57; c.11min)

- Sonata em Mi maior, K. 215 (Andante)
- Sonata em Mi maior, K. 216 (Allegro)

Luigi Boccherini (transcrição de **Andreas Staier**)

Quintettino op. 30 n.º 6, “La Musica Notturna delle strade di Madrid” (1780; c.16min)

1. Ave Maria (Imitando il tocco dell’Ave Maria della Parrochia)
2. Minuetto
3. Rosario
4. Los Manolos. Passa Caille
5. Ritirata con variazioni

2ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Jonathan Ayerst piano

Carolin Widmann violino

Philippe Manoury

Passacaille pour Tokyo, para piano e 17 instrumentos (1994; c.20min)

Kaija Saariaho

Graal Théâtre, para violino e ensemble (1994; c.25min)

Barroco de inspiração ibérica

A veneração por **Domenico Scarlatti** (Nápoles, 1685 — Madrid, 1757), manifestada em Inglaterra indistintamente por músicos profissionais e pelo público em geral ao longo do século XVIII, é bem reveladora do precoce gosto britânico pela música da Península Ibérica. Este “culto de Scarlatti” abriu caminho para que, ao longo do século, o público e os editores ingleses mostrassem interesse nos compositores portugueses ou residentes em Portugal, publicando em Londres obras de António Pereira da Costa, Pedro António Avondano, António Rodil e David Perez. Foi iniciado por Thomas Roseingrave (1690/91-1766) quando do seu encontro com Scarlatti em Itália, e foi por seu intermédio que Londres assistiu, em 1720, à ópera *Narciso*. Terá sido também por sua influência que Scarlatti visitou Londres, quando ainda vivia em Lisboa, mas a sua fama em Inglaterra ganhou novo ímpeto com a publicação, em 1738, dos *Essercizi per gravicembalo* dedicados ao rei português D. João V, e pela quase contemporânea edição de *XLII Suites de pièces pour le clavecin*, a cargo do próprio Roseingrave, em 1739.

Foram estas as edições que providenciaram a **Charles Avison** (Newcastle, 1709 — 1770) o material que utilizou nas suas imaginativas transcrições de várias sonatas de Scarlatti, organizadas em concertos grossos e publicadas em 1744. Avison foi bem-sucedido nestes seus arranjos, tendo em conta não ser fácil nem imediata a adaptação da muito idiomática escrita cravística de Scarlatti a um outro meio instrumental. Procurou sempre que possível “modernizar” o estilo audaz mas algo arcaizante do italiano e, para isso, sistematizou a forma, eliminou repetições, regularizou frases, limou dissonâncias e simplificou texturas. Os mais acérrimos defensores da impetuosidade

scarlattiana criticam a atitude “civilizadora” de Avison, mas estes procedimentos foram indispensáveis para a adaptação efectiva ao novo meio e ao novo gosto. No **Quinto Concerto**, tal como em todos os da colecção, ambos os andamentos rápidos são extraídos dos *Essercizi* (n.º 11 e n.º 5). O terceiro andamento (que excepcionalmente não é lento, mas antes um “Andante moderato”) é baseado na Fuga que conclui a edição de Roseingrave (n.º 42), aqui muito encurtada e simplificada. Já a origem do “Largo” inicial, apesar de ser um dos mais belos e envolventes de toda a recolha, permanece por identificar, podendo tratar-se de uma sonata de Scarlatti hoje perdida ou de uma composição original do próprio Avison.

As **Sonatas K. 215 e K. 216** não pertencem às colecções londrinas, mas sim aos manuscritos da Biblioteca Nacional Palatina em Parma (Itália). Aqui chegaram através do cantor castrado Carlo Broschi, dito Farinelli, que as recebeu como herança da sua amiga e protectora D. Maria Bárbara de Bragança, rainha de Espanha, para quem foram compostas. O altíssimo virtuosismo exigido na execução da maioria das sonatas de Scarlatti deve-se à grande capacidade técnica de D. Maria Bárbara. A maior parte destas sonatas foram escritas para serem interpretadas aos pares, constituídos por duas obras contrastantes ou até bastante similares.

Como Scarlatti, **Luigi Boccherini** (Luca, 1743 — Madrid, 1805) foi muito permeável às influências do folclore ibérico. Não obstante o seu proverbial isolamento ao serviço do infante D. Luís de Bourbon, o virtuoso violoncelista manteve contactos com editores em Paris e Viena. Trabalhou igualmente para notáveis patronos estrangeiros, como o príncipe Frederico Guilherme da Prússia, e ibéricos, como o comerciante português Pacheco e a família

madrilena Benavente-Osuma. Boccherini (tal como Scarlatti) percebeu que a receita para o sucesso residia em combinar as suas raízes italianas com as poderosas tradições musicais locais. Portugal e Espanha possuíam um rico passado musical de que muito se orgulhavam, mas estavam abertos às inovações. Era necessário, no entanto, para alcançar pleno êxito, encontrar um delicado equilíbrio entre as novas modas e estilos importados e a omnipresente tradição. Com esse fim, os compositores recorriam ao extenso repertório de danças regionais (como seguidilhas, jácaras ou o famoso fandango), a imitações de instrumentos populares (castanholas, guitarras, etc.) e, ocasionalmente, a ruídos evocadores da paisagem sonora local, como o toque dos sinos, os pregões dos vendedores, os clamores dos pedintes ou o simples canto dos pássaros.

La Musica notturna delle strade di Madrid foi originalmente escrita para dois violinos, viola e dois violoncelos. Boccherini pinta, com inegável e original maestria, um retrato com marcados rasgos goyescos da palpitante vida da capital espanhola ao anoitecer. O compositor deixa-nos a muito interessante nota: “Este pequeno quinteto [Quintettino] representa a música que passa de noite pelas ruas de Madrid, começando com o som das Avé-Marias até ao toque da Retirada. Tudo aquilo que não é conforme ao rigor do Contraponto é porque se sujeita à veracidade da coisa que se pretende representar”. Imaginativamente, os curtos andamentos ilustram em sucessão: os sinos da igreja paroquial que marcam o fim do trabalho com o *Angelus*; o soar do tambor dos soldados fazendo a última ronda; o rude minueto dos cegos, que deve ser tocado “com aspereza” e “desajeitadamente”, com os violoncelos sobre os joelhos, imitando as guitarras *rasgueadas* pelos mendigos; a melodia “doce

e com graça” mas algo lamentosa, evocando a oração do Rosário na igreja, interrompida quer pelo toque de uma pequena campanha de sacristia, quer pelos clamores exclamativos da oração; a algazarra alegre e perturbadora dos rufiões (os *manolos* ou *majos*) saídos das oficinas ou no regresso dos campos, a caminho das tabernas, entoando canções e danças populares através das ruas (*passa calle*); e, finalmente, a Marcha de Retirada das guarnições nocturnas, impondo o toque de recolher que encerrava as ruas e portas da cidade. Este tema com variações, que não constava da versão original da obra, foi mais tarde reempregado por Boccherini em duas outras composições: um quinteto com guitarra e um quinteto com piano, o que parece comprovar a grande popularidade deste original andamento. A marcha “começa a escutar-se muito longinquamente, devendo tocar-se tão piano que dificilmente se escute”; ouve-se depois a guarnição passar pela rua, bem perto, talvez debaixo das nossas janelas, para logo desaparecer no silêncio da noite, ao voltar de uma esquina.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2018*

Philippe Manoury

TULLE, 1952

A *Passacaille pour Tokyo* de Philippe Manoury, escrita em 1994, evoca um género que teve o seu apogeu nos séculos XVII e XVIII. No período barroco, a *passacaglia* era um dos vários géneros que se desenrolavam a partir da ideia de variação sobre um baixo ostinato (como acontece também com a *chaconne*, por exemplo). Numa *passacaglia*, a linha de baixo (ou, porventura, o percurso harmónico nela implicado) surge constantemente reiterada enquanto os restantes elementos da textura variam, oferecendo a desejada riqueza de expressão e diversidade de ambiências. No caso da peça de Manoury, não se verifica um reaproveitamento dos mesmos recursos específicos que seriam utilizados por um compositor do Barroco. O que o estimula a fazer esta revisitação é o facto de a *passacaglia* combinar duas dimensões contraditórias, pondo em jogo uma estrutura de base que nunca varia e um discurso que está em contínua evolução.

A *Passacaille pour Tokyo*, encomendada pela Fundação Arion-Edo para o Festival de Verão de Tóquio, é dedicada ao amigo, pianista e compositor japonês Ichiro Nodaira (que tinha já estreado outras obras de Manoury alusivas à *passacaglia*, como *Pluton* ou *Neptune*). Requer piano solista e um ensemble de 17 instrumentos: flauta (também flautim), oboé, dois clarinetes (também clarinete baixo), fagote, trompa, trompete, trombone, dois percussionistas, harpa, piano, violino I, violino II, viola, violoncelo e contrabaixo (de cinco cordas). O piano é solista, mas não segundo a óptica tradicional do concerto romântico. Na peça de Manoury, o ensemble assume, mais do que uma postura de oposição ou diálogo para com o solista, um papel de prolongação dos seus gestos. O

segundo piano reage ao solista como que sendo “sombra” dele (expressão do próprio compositor), preservando apenas vagamente o contorno do material original, que é extremamente elaborado. Esta ideia reporta-se, na verdade, a memórias de juventude do próprio Manoury, dos tempos em que, ao passar perto das aulas de dança na Salle Pleyel (em que a acústica faz muita reverberação), ouvia apenas uma versão difusa do que os pianos lá tocavam.

A composição rege-se por uma construção em espelho em torno de uma nota central, nítida desde logo nos primeiros momentos da peça. O motivo base da *passacaglia* é apresentado em simetria rigorosa em relação a essa nota, sendo depois sujeito a reflexões que a cada transformação surgem mais deformadas. Explica o próprio compositor, aludindo à famosa técnica de reprodução de uma imagem dentro dela própria: “(...) há uma *mise en abîme* que reverbera em múltiplas imagens em desenho inicial”.

PEDRO ALMEIDA, 2020*

Kaija Saariaho

HELSÍNQUIA, 1952

O título de *Graal Théâtre* provém de um livro com o mesmo título de Jacques Roubaud. Enquanto trabalhava no meu Concerto para violino, o livro inspirou-me indirectamente de duas formas: em primeiro lugar, o título expressa a tensão que sinto existir entre os esforços do compositor quando escreve música e o aspecto técnico da execução, especialmente no caso de um concerto, em que o solista desempenha um papel muito importante (tanto fisicamente como musicalmente). A interpretação de Roubaud da velha lenda com o seu exemplo muito pessoal encorajou-me também a realizar algo que há muito tempo julgava impossível: trazer para o meu enquadramento e a minha linguagem musical uma ideia do concerto para violino, um género com tantas obras-primas emocionantes e perspicazes.

A fonte de inspiração inicial para a peça foi a forma de tocar e a musicalidade de Gidon Kremer, a quem a peça é dedicada.

Quando comparada com outras obras que escrevi, *Graal Théâtre* é a excepção numa longa lista de peças em que combino instrumentos acústicos com algum tipo de electrónica. Ao contrário dessas obras mais antigas, aqui o meu ponto de partida foi o som delicado do violino e a sua interacção com a orquestra.

KAIJA SAARIAHO

Tradução: Fernando P. Lima*

* Os autores não aplicam o Acordo Ortográfico de 1990.

Andreas Staier

cravo e direção musical

Andreas Staier tornou-se célebre inicialmente como cravista e, mais tarde, como pianista e maestro. Após ter estudado com Lajos Rovatkay e Ton Koopman, trabalhou com o Musica Antiqua Köln durante três anos. Mais do que um representante virtuoso da chamada interpretação historicamente informada, pode ser descrito como um apaixonado investigador dos sons. Cada obra que abraça é analisada em detalhe em termos de estrutura, mas também sob o ponto de vista da situação histórica em que foi criada. Através desta abordagem meticulosa, Staier trouxe novas possibilidades interpretativas e experiências auditivas surpreendentes. Para isso, trabalha com construtores de instrumentos no sentido de tornar possíveis nuances sonoras especiais — seja em música do século XVI, como a dos virginalistas ingleses, seja nas *Variações Goldberg* de Bach, nas *Variações Diabelli* do período tardio de Beethoven ou nas últimas composições para piano de Brahms. Toca ainda compositores menos conhecidos quando descobre características originais nas suas obras, sendo disso exemplo Sebastián de Albero ou Josef Antonín Štěpán.

O seu compromisso não se fica pela música do século XIX. A colaboração com o compositor francês Brice Pauset (1965) resultou em várias obras, como a *Kontra-Sonata*, de 2020 — um híbrido entre a Sonata em Lá menor D. 845 de Schubert e as composições de Pauset. Aproveitou a pausa causada pela pandemia para terminar *Anklänge* — seis peças para cravo, que combina com o Prelúdio e Fuga em Mi bemol maior do segundo caderno de *O Cravo Bem Temperado* de Bach. A estreia aconteceu em janeiro de 2023, na Philharmonie de Colónia, e o álbum *Méditation* foi lançado em

2024 pela Alpha Classics (Outhere Music). A partitura foi publicada pelas Editions Lemoine.

A mestria de Andreas Staier está documentada em vários registos discográficos, com todos eles a receberem prémios de relevo. Entre as distinções que lhe foram atribuídas, refira-se a Medalha Bach da Cidade de Leipzig (2024) e as residências no AMUZ de Antuérpia (2012-2016) e na Ópera de Dijon (2011-2021). Apresentou-se no cravo e no pianoforte em muitos festivais de música e palcos conceituados à volta do mundo, com agrupamentos como a Orquestra Barroca de Freiburg, Concerto Köln, Akademie für Alte Musik Berlin e Orquestra Barroca Casa da Música — com a qual gravou o CD *À Portuguesa* (2018, Harmonia Mundi). No Ano Beethoven, lançou o disco *A New Way — Beethoven*. As suas gravações de *O Cravo Bem Temperado — 2.º caderno*, consideradas uma referência, foram completadas com o lançamento do *1.º caderno* em 2023. Em conjunto com Roel Dieltiens, gravou as Sonatas para violoncelo op. 102 e as Bagatelles opp. 119 e 126 de Beethoven.

Entre os seus parceiros de música de câmara incluem-se os pianistas Alexander Melnikov, Christine Schornsheim e Tobias Koch, as violinistas Isabelle Faust e Petra Müllejans, e o tenor Christoph Prégardien. Mantém uma colaboração regular com Daniel Sepec e Roel Dieltiens, com quem gravou os trios para piano de Schubert, entre outras obras.

A vasta gama de interesses e de competências de Andreas Staier fizeram dele um professor muito requisitado. Além de orientar masterclasses em diferentes pontos do globo, ensinou cravo e pianoforte na Schola Cantorum Basiliensis, entre 1987 e 1995. Em 2017/18, esteve no Wissenschaftskolleg zu Berlin.

Tito Ceccherini direção musical

O reconhecimento internacional do maestro italiano Tito Ceccherini advém particularmente das suas interpretações de repertório do século XX e contemporâneo. Conjuga com mestria o foco nos detalhes com o conhecimento da estrutura alargada da obra — o modo como dirigiu *Da Casa dos Mortos*, de Janáček, foi muito elogiado precisamente pela precisão e pela atenção à arquitetura da composição.

Na temporada 2024/2025, Ceccherini leva ao Festival de Lucerna uma nova ópera de Lucia Ronchetti, *Der Doppelgänger*, que estreou no Festival Schwetzingen SWR 2024 com a Orquestra Sinfónica SWR. Abre a Bienal de Veneza com o Ensemble Modern e a Orquestra do Teatro La Fenice, interpretando obras de Rebecca Saunders e Unsuk Chin, e estreia-se com a Filarmónica Eslovena, num programa que junta composições de Sibelius, Toshio Hosokawa, Toru Takemitsu e Debussy. Regressa ao festival Milano Musica com a Orquestra de Milão, à Orquestra de Câmara da Basileia e ao Remix Ensemble no Porto.

No campo operático, obteve grande sucesso com a nova produção de *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, assinada por Jenske Mijnsen e apresentada na Ópera de Zurique, em 2022 — depois de nessa sala ter dirigido *Le Grand Macabre* de Ligeti, em 2019. Estreou-se no Theater Basel com *La Traviata* de Verdi (encenação de Benedikt von Peter), em 2022, e na Ópera Estatal de Estugarda com *Kát'a Kabanová* de Janáček, em 2023 (encenação de Jossi Wieler e Sergio Morabito). Trabalha regularmente, desde 2009, com o Teatro La Fenice, em Veneza, onde dirigiu obras como *Dido and Aeneas* de Purcell (2020), *Luci mie traditrici* de Sciarrino (2019), *Richard III* de Battistelli (2018; encenação de Robert Carsen, vencedora do Prémio da

Crítica Musical Franco Abbiati), *Cefalo e Procri* de Krenek (2017) e *La porta della legge* de Sciarrino (2014). É convidado frequente da Ópera de Frankfurt (*Aus einem Totenhaus* de Janáček, 2018; *The Rake's Progress* de Stravinski, 2017) e do Théâtre du Capitole em Toulouse (*O Rapto do Serralho* de Mozart, 2017; *Béatrice et Bénédicte* de Berlioz, 2016; *Il prigioniero* de Dallapiccola e *O Castelo do Barba Azul* de Bartók, 2015, encenação de Aurélien Bory). Depois da sensacional estreia mundial de *Da gelo a gelo* de Sciarrino, no Festival Schwetzingen 2006, dirigiu primeiras audições de numerosas obras — entre elas *Inferno* de Lucia Ronchetti, na Ópera de Frankfurt, em 2021.

Tito Ceccherini trabalha também com orquestras de prestígio internacional: Philharmonia Orchestra, Filarmónica de Tóquio, Filarmonica della Scala, Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, Orquestra Estable del Teatro Colón, Sinfónica da BBC, Filarmónica da Radio France, Radio Filharmonisch Orkest, as orquestras das rádios de Estugarda, Colónia, Frankfurt e Turim, entre outras formações em Itália, Espanha e Portugal. Quanto aos ensembles, os seus parceiros regulares são o Klangforum Wien, o Ensemble Modern, o Ensemble intercontemporain, o Collegium Novum Zurich e o Ensemble Contrechamps. É fundador do Ensemble Risognanze, dedicado à interpretação de obras-primas da música de câmara, desde Debussy aos nossos dias. A sua discografia inclui álbuns para as editoras Sony, Kairos, Col legno e Stradivarius, tendo arrecadado prémios como o Diapason d'or, o Midem Classical Award e o Choc du Monde de la Musique.

Natural de Milão, Ceccherini estudou piano, composição e direção de orquestra no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo depois prosseguido a sua formação em São Petersburgo (Rússia), Estugarda e Karlsruhe (Alemanha).

Jonathan Ayerst piano

Jonathan Ayerst é o pianista principal do Remix Ensemble Casa da Música desde 2000, com o qual tocou em importantes festivais como Wien Modern (Áustria), Wittener Tage für Neue Kammermusik, Donaueschinger Musiktage (Alemanha), Musica de Estrasburgo, IRCAM de Paris (França) e Huddersfield Contemporary Music Festival (Reino Unido). Trabalhou com os maestros Peter Rundel, Emilio Pomàrico, Reinbert de Leeuw, Heinz Holliger, Peter Eötvös e Jörg Widmann, apresentando obras a solo e concertantes tais como o Concerto para piano e orquestra de Beat Furrer, *Oiseaux Exotiques* de Olivier Messiaen, *Variações para piano op. 27* de Anton Webern e *Concerto de Câmara* de Anton Berg. Em 2021, foi convidado como solista para interpretar o *Concerto para piano n.º 1* de Magnus Lindberg, acompanhado pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, dirigida pelo maestro Stefan Blunier — editado depois num CD da série *Live Recordings* da Casa da Música.

Paralelamente, conquistou reputação internacional como organista e improvisador. Após ser nomeado Fellow of the Royal College of Organists (Reino Unido), iniciou um doutoramento na Universidade de Sheffield, que veio a concluir em 2021 com a apresentação da tese *Learning to improvise as a Western Classical Musician: a Psychological Self-study*. No âmbito da sua investigação, teve aulas de improvisação barroca com Jürgen Essl na Universidade de Música e Artes Plásticas de Estugarda. Como resultado, desde 2018 tem dado cada vez mais recitais que incluem improvisações em vários estilos clássicos, além de *workshops* em que apresenta técnicas de improvisação a músicos com formação clássica, através de uma mistura de psicologia, filosofia e análise musical.

Na temporada de 2020/21, filmou um ciclo de recitais de órgão na Casa da Música, cada um centrado numa improvisação em estilo diferente (destaque para uma fuga inacabada de Johann Sebastian Bach — a *Fantasia e Fuga em Dó menor, BWV 562* — e uma improvisação baseada na *Weinen, Klagen, Sorgen, Zagen* de Franz Liszt). Apresentou-se no Festival de Órgão de Santarém e na Temporada Música em São Roque, em Lisboa. Mais recentemente, foi convidado para tocar no Museu Nikolaikirche (Igreja de São Nicolau) e na Luisenkirche de Berlim, onde improvisou sobre pinturas ali expostas.

Jonathan Ayerst foi recentemente nomeado professor de Interpretação de Partituras na Universidade das Artes de Zurique. É ainda organista na Igreja Reformada de Witikon, em Zurique.

Carolín Widmann violino

Instrumentista maravilhosamente versátil, o trabalho de Carolín Widmann é de uma grande diversidade, de concertos clássicos a novas encomendas que são escritas especialmente para a violinista, passando por recitais a solo, música de câmara, instrumentos de época e ainda a direção de orquestra a partir do violino.

Widmann foi galardoada com o Bayerischer Staatspreis para música em 2017, uma distinção pela sua musicalidade notável. Conta no currículo com um International Classical Music Award (categoria de concerto) pelo seu muito aclamado disco dos concertos para violino de Mendelssohn e de Schumann com a Orquestra de Câmara da Europa, lançado em 2016 pela ECM, e que contou também com a sua direção.

“Músico do ano” pelos International Classical Music Awards de 2013, a violinista tocou com a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica da Rádio de Viena, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica da BBC e a Sinfónica da Rádio da Baviera, com maestros de renome como Sir Simon Rattle, Riccardo Chailly, Edward Gardner, Vladimir Jurowski, Sakari Oramo, Daniel Harding, François-Xavier Roth, Santtu-Matias Rouvali e Jukka-Pekka Saraste. É convidada regular de festivais como o Musikfest Berlin, Salzburger Festspiele, Festival de Lucerna, Festival Internacional de Edimburgo, Festival Internacional Primavera de Praga, Festival Pau Casals e Festival d’Automne em Paris.

Entre os seus recentes sucessos contam-se colaborações com as filarmónicas de Berlim, Los Angeles e Munique, a Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim, a Orquestra de Câmara Irlandesa, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Hallé Orchestra, a Sinfónica da Rádio dos Países Baixos, a Sinfónica da Cidade de Birmingham,

a Sinfónica da Rádio WDR de Colónia e a Sinfónica da Rádio de Viena no Musikverein.

Widmann estreia-se com um grande número de orquestras na temporada 2024/25: entre outras, a Orquestra Nacional Dinamarquesa, a Filarmónica de Seul, a Filarmónica de Helsínquia, a Orquestra Real Nacional da Escócia e a Orquestra da Filadélfia. Destacam-se ainda o Concerto do compositor Robert Gerhard com a Orquestra Sinfónica de Barcelona, uma homenagem a Kaija Saariaho com a Orquestra Sinfónica SWR e a estreia no Reino Unido do Concerto para violino n.º 2 de Jörg Widmann, uma peça escrita para Carolín e que lhe foi dedicada, com a Orquestra Nacional de Gales da BBC. É também a Artista em Residência da Fondazione Arturo Toscanini para a temporada 2024/25.

No que diz respeito a projetos de música de câmara, estão contemplados dois recitais na Pierre Boulez Saal; um programa com um quarteto composto por Nils Monkemyer, Julian Steckel e William Youn; um projeto a solo para violino e eletrónica; e o regresso à Alte Oper de Frankfurt.

Carolín Widmann toca um violino G.B. Guadagnini de 1782.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspetiva historicamente informada. Além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, foi dirigida por Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreech, Riccardo Minasi, Hervé Niquet, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce, Andreas Scholl, Pieter Wispelwey, Ilya Gringolts, Fernando Guimarães, Anna Dennis e Nuria Rial, e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm sido aclamados pela crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigs-hafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca, Noites de Queluz e Temporada Música em São Roque.

Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou a *Missa em Si menor*, o *Magnificat*, as

Oratórias de Páscoa, Ascensão e Natal, e várias cantatas de Bach, *Te Deum* e *Missa Assumpta est Maria* de Charpentier, *Messias* de Händel, *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli, *Missa de Santa Cecília* de Haydn e *Gloria* de Vivaldi. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, onde recolheu largos elogios da crítica. No mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* dirigidos por Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o prestigiado cravista Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Esse mesmo programa leva a Orquestra Barroca a visitar o Auditório de Lyon em 2024. Nas últimas temporadas, interpretou os *Stabat Mater* de Pergolesi, Charpentier, Vivaldi e Scarlatti, as *Vésperas* de Monteverdi, *Ode para o Dia de Santa Cecília* de Händel, *Sete últimas palavras de Cristo na Cruz* de Haydn e *Música Aquática* de Telemann, entre muitas outras.

O repertório a apresentar em 2024 inclui excertos de serenatas de António Leal Moreira, o *Stabat Mater* de José Joaquim dos Santos e o *Messias* de Händel. A Orquestra colabora com artistas de relevo internacional, como o maestro e solista Andreas Staier, a soprano Rowan Pierce e o barítono Josep-Ramon Olivé, dividindo o palco também com solistas portugueses como as sopranos Joana Seara e Sara Braga Simões, a flautista Marta Gonçalves e os oboístas Pedro Castro e Andreia Carvalho.

A discografia da Orquestra Barroca inclui gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direção de maestros prestigiados.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomàrico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann e Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia. Em 2024, apresenta-se no festival Acht Brücken de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon

(Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe e Liza Lim, além de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2024, regressa à música icónica de Emmanuel Nunes e divulga obras de Vasco Mendonça, Compositor em Residência — entre as quais um novo Concerto para violino, a estreiar pela prestigiada solista Carolin Widmann, e uma obra para voz e ensemble, com Christina Daletska. O encontro com o coletivo Ruído Vermelho traz música encomendada a Luís Antunes Pena, e a celebração do 25 de Abril aborda a vanguarda de Jorge Peixinho e Emmanuel Nunes, em confronto com as novas gerações.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Barroca

Violino I

Petra Müllejans
Cecília Falcão
César Nogueira
Mario Braña Gomez

Violino II

Ariana Dantas
Bárbara Barros
Miriam Macaia
Mariña Garcia-Bouso

Viola

Raquel Massadas
Isabel Juárez

Violoncelo

Filipe Quaresma
Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboé

Pedro Castro
Andreia Carvalho

Fagote

Lurdes Carneiro

Cravo

Silvia Márquez Chulilla

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Melanie Gil

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Telma Gomes

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Francisco Fernandes

Harpa

Carla Bos

Operação Técnica

Iluminação

Rui Pinto Leite

Palco

Amaro Machado
André Silva
Ernesto Pinto da Costa
Fernando Gonçalves
Rui Brito

Próximos concertos

12.11 TER 21:30 SALA 2

Sveen Helbig Solo

promotor: Misty Fest

14.11 QUI 21:00 SALA SUGGIA

Eduardo Guerrero – Bailar no es solo bailar

promotor: Zález Artist Collect

14.11 QUI 21:30 CAFÉ

Miguel Marôco

16.11 SÁB 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Inteligência Artificial na Música

Oscar Rodrigues formador

16.11 SÁB 15:00 SALA 2

Eça é que é Eça

serviço educativo | nossos concertos

Mário João Alves ideia original, textos e encenação

Ângela Alves, João Tiago Magalhães, Mário João Alves

e **Paulina Sá Machado** interpretação

Ópera Isto! coprodução

16.11 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

Sinfonia Lírica

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Martina Welschenbach soprano

Jordan Shanahan barítono

obras de **Josef Matthias Hauer, Arnold Schoenberg** e **Alexander von Zemlinsky**

17.11 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e **Sofia Nereida** formadores

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

